

## **RODAS DE TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA (TCI) COMO ESPAÇOS DE CUIDADO INTEGRAL E EDUCAÇÃO EMOCIONAL**

Linda Siokmey Tjhio Cesar Pestana

*(Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões – PPGCR/UFPB, Especialista em Aconselhamento e Psicologia Pastoral – EST, Bacharel em Teologia – FACETEN, Cirurgiã-Dentista – FOUSP, Terapeuta Comunitária Integrativa – ABRATECOM, Capacitada em Prevenção do Uso de Drogas – UFSC/SENAD, Participante do Grupo de Pesquisa: Religiões, Identidades e Diálogos – UNICAP)  
Contato: <meypestanda@gmail.com>*

**Resumo:** Esse artigo apresenta, através de pesquisa bibliográfica, as bases, o funcionamento e alguns resultados da Terapia Comunitária Integrativa (TCI), recém incluída na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Sistema Único de Saúde. Nosso objetivo é destacar a eficiência, a simplicidade e o baixo custo financeiro dessa metodologia de cuidado integral e educação emocional. Essa proposta se justifica pela necessidade atual de espaços solidários e igualitários que alimentem o corpo e o espírito das pessoas, que acolham sofrimentos, perturbações e sentimentos para prevenir e curar enfermidades de várias naturezas, além de partilhar saberes e redes de apoio acessíveis que ajudam na formação humana em todas as suas dimensões. Discorreremos acerca dessa metodologia sob olhares do seu criador, de terapeutas comunitários, de participantes, de alguns autores de outras ciências e de casos por nós reportados. Fundamentada sobre cinco pilares: o pensamento sistêmico, a teoria da comunicação, a antropologia cultural, a pedagogia de Paulo Freire e a resiliência, as rodas de TCI têm uma sequência de etapas, desde as regras simples e atividades de boas-vindas, aos momentos de escolha e contextualização de um tema selecionado pelo grupo, identificação e problematização de um mote preparado pelo terapeuta, em meio a partilha de experiências de superação, conexão via sentimentos, conotação positiva e abraços. Na roda, a fala de um fortalece e comove ao outro, sedimenta aprendizados, decisões e sentimentos saudáveis de autoestima, de senso de pertença e sentido para a vida. Ao invés de reforçar dependências e carências, a TCI comemora o empoderamento, as competências, a identidade, as raízes culturais e, especialmente, a resiliência que decorre das dificuldades, contribuindo para que indivíduos se desenvolvam integralmente.

**Palavras-chave:** Terapia Comunitária Integrativa, solidariedade, resiliência.

### **Introdução**

A Terapia Comunitária Integrativa (TCI) consiste numa prática recém incluída (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2017) na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) do Sistema Único de Saúde (SUS). As rodas de partilha são uma ferramenta terapêutica eficiente de inclusão e resgate, adequada ao contexto do SUS, por participar de uma visão e uma prática político-social transformadoras de profissionais e de pacientes no cuidado mental dentro da Atenção Básica em várias regiões brasileiras (FERREIRA FILHA, 2008).

Essa pesquisa justifica-se pela necessidade atual de espaços públicos acessíveis para acolher perturbações e sentimentos, com o propósito de prevenir e curar enfermidades psicossomáticas e ressignificar sofrimentos cotidianos. Fundamentado em pesquisa bibliográfica, esse artigo tem o objetivo de apresentar os fundamentos e o funcionamento dessa ferramenta de cuidado holístico e

educação emocional - TCI – onde ações de falar de seus próprios sentimentos, escutar com empatia, olhar com compaixão e tocar com carinho, aliviam, amparam e fortalecem indivíduos em meio a reflexões, partilha de saberes, mútuo reconhecimento e formação de redes de apoio, conforme apresentamos na dissertação de mestrado (PESTANA, 2017).

Dentro da PNPIC, a roda de TCI previne as crises relacionadas ao cotidiano de pobreza, abandono, insegurança e baixa autoestima, por meio de uma metodologia simples, satisfatória, com baixo custo operacional, e capacidade de atender grandes contingentes em uma única sessão e em qualquer lugar (MORAIS, 2010, p. 21). As etapas da roda e os pilares da TCI corroboram a proposta atual de cuidado integral na saúde pública, com alívio do sofrimento pela partilha de experiências, ressignificação das histórias de vida, promoção de mudanças holísticas, integradoras e humanizadoras nas pessoas e no ambiente de trabalho, com construção de redes de apoio, os quais são vínculos saudáveis e afetivos entre profissionais e usuários (MORAIS, 2010, p. 26-38, 84-85, 93, 103-104; FERREIRA FILHA, 2008; ROCHA 2009).

Diante das crises inevitáveis da vida, a roda de partilha ameniza a sensação de abandono e insegurança, reforça a autoestima e a capacidade de superação, integra e reforça o sujeito como ser autônomo, resiliente, solidário e corresponsável na formação e transformação da realidade; a resiliência que brota dos momentos críticos, previne as manifestações de violência e transtornos físico-mentais decorrentes do sofrimento não trabalhado no indivíduo (BARRETO, 2008, p. 27-32, 128). Ela também é oportuna para o resgate da integralidade humana sufocada pelo contexto urbano tecnológico, frio e utilitarista, que diminui a espiritualidade e a humanidade na capacidade de amar, de comover-se e de sentir a dor do arrependimento, conforme apontado por Noé (2004, p. 5-6).

A TCI se encaixa aos conceitos de educação e formação humana defendidos por Röhr (2013, 25-34, 43-53), que levam em conta a integração das cinco dimensões - física, sensorial, emocional, mental e espiritual - desde as mais densas às mais sutis, sendo que a espiritual dá sentido e guia as demais. Assim, para esse filósofo, o processo educativo deve incluir o corpo, os cinco sentidos, as emoções, os pensamentos/imaginação/intuição e os valores transcendentais éticos/metafísicos, para desenvolver aprendizagem, criatividade, autoestima, autocuidado, autonomia, responsabilidade, autoconsciência, ética e liberdade nos indivíduos.

As rodas de partilha curam adoecimentos profundos na medida em que elas oferecem uma oportunidade para pessoas se libertarem de culpas, vaidades, preconceitos, espíritos malignos, egoísmo, prazer ou lucro que aprisionam, limitam, controlam e prejudicam o seu desenvolvimento pessoal e relacional (WEISER, 1978, p. 81-82, 98, 106-108). Por isso, a TCI também pode ser

considerada espaço sagrado de pequenos milagres, pois, parafraseando Mendonça (2015, p. 9, 55, 67-68, 183, 244, 302-303), a “leitura” das histórias de um, provoca autodecifração em outro, enquanto toca, liberta, transforma o coração, e faz irromper um novo tempo onde o extraordinário ressignifica a realidade comum e cotidiana dos indivíduos.

## **A metodologia da TCI**

Fundamentada em cinco pilares: pensamento sistêmico, teoria da comunicação, antropologia cultural, pedagogia de Paulo Freire e resiliência (BARRETO, 2008, p. 27), a roda de TCI dura cerca de uma hora e meia, e segue cinco etapas: acolhimento, apresentação e escolha de tema para partilha, contextualização, problematização, encerramento com rituais de agregação e conotação positiva, em que o terapeuta capacitado não é “salvador da pátria” nem o especialista que tudo resolve de forma vertical, gerando dependências; mas facilita a partilha grupal para trabalhar o sofrimento pessoal, valorizar a experiência de cada participante e formar uma rede solidária horizontal que contemple a todos (BARRETO, 2008, p. 56-59).

Os efeitos positivos alcançados na roda se estendem para outros contextos e relacionamentos, conforme apontam os objetivos da TCI:

1. Reforçar a dinâmica interna de cada indivíduo, para que este possa descobrir seus valores, suas potencialidades e tornar-se mais autônomo e menos dependente.
2. Reforçar a autoestima individual e coletiva.
3. Redescobrir e reforçar a confiança em cada indivíduo, diante de sua capacidade de evoluir e de se desenvolver como pessoa.
4. Valorizar o papel da família e da rede de relações que ela estabelece com o seu meio.
5. Suscitar, em cada pessoa, família e grupo social, seu sentimento de união e identificação com seus valores culturais.
6. Favorecer o desenvolvimento comunitário, prevenindo e combatendo as situações de desintegração dos indivíduos e das famílias, através da restauração e fortalecimento de laços sociais.
7. Promover e valorizar as instituições e práticas culturais tradicionais que são detentoras do *saber fazer* e guardiãs da identidade cultural.
8. Tornar possível a comunicação entre as diferentes formas do *saber popular* e *saber científico*.
9. Estimular a participação como requisito fundamental para dinamizar as relações sociais, promovendo a conscientização e estimulando o grupo, através do diálogo e da reflexão, a tomar iniciativas e ser agente de sua própria transformação (BARRETO, 2008, p. 39).

Inspirada pela Pedagogia de Paulo Freire, a roda de TCI tem regras/sequência e, literalmente, o formato circular que favorecem a partilha de experiências e a socialização de saberes, sem a verticalidade imposta por símbolos aparentes de poder e saber, pois, todos se veem, se valorizam e se integram horizontal e igualmente. Cada um ensina enquanto aprende, é

protagonista de sua história, e contribui na conexão de sentimentos e experiências diversas dos participantes. Conforme chegam à roda, todos são acolhidos pelo co-terapeuta preparado com palavras, atividades de boas-vindas e a apresentação das regras da TCI: ouvir os outros em silêncio, falar somente sobre si, manifestar-se sem julgar, criticar ou aconselhar, partilhar (se surgir espontaneamente na memória) um ditado ou música pertinente (BARRETO, 2008, 63-66, 279-291).

Na etapa de partilha dos temas, qualquer participante pode falar (em poucas palavras) qual é sua preocupação, seu aborrecimento ou até uma grande alegria, mas, nada que seja um grande segredo. Após ouvir as pequenas falas, o grupo escolhe, por votação, um dos temas para ouvir com mais atenção. Nessa parte, o terapeuta facilita a contextualização do tema da pessoa escolhida, a incentiva a falar, enquanto o grupo faz perguntas para compreender a situação e os sentimentos envolvidos, sempre com respeito e escuta. Então, chega o momento da problematização, em que o terapeuta lança um mote ligado aos sentimentos levantados na contextualização, e abre a oportunidade para que pessoas respondam ao mote e compartilhem suas experiências de superação (BARRETO, 2008, 66-82).

A etapa final consiste num círculo de pessoas em pé, abraçadas num balanço corporal suave e sincronizado, onde cada pessoa que queira, verbaliza em uma palavra ou frase o que está levando da roda. Com conotações positivas, autoestima, identidade e senso de pertença alimentados, todos os participantes cantam junto alguma música conhecida e então, despedem-se com abraços calorosos, gratos e alegres devido a agradável, incluyente, lúdica, reflexiva, ética, afetiva e curativa roda que foi desenvolvida em meio a músicas, ditos proverbiais, desabafos, reflexões, cheiros, sabores, lágrimas e risos sinceros (BARRETO, 2008, 82-86).

A Resiliência é uma base fundamental da TCI (BARRETO, 2008, p. 101-115). Grandesso (2003) a destaca como capacidade de lidar com dificuldades e sobreviver, sobretudo, quando há desigualdade social, preconceitos, pobreza, falta de saúde e de educação, geradores de grandes sofrimentos, principalmente, em mulheres com depressão e vítimas de violência, famílias de pacientes psiquiátricos, idosos, doentes crônicos, moradores de favelas, funcionários de instituições de saúde e educação. De acordo com Barrim e Massarutti (2011), pessoas resilientes têm mais sucesso em suas atividades, pois, transformam pressões e adversidades em competência, sobrevivem a crises, desafios e ambientes insanos, sem perder o equilíbrio emocional ou adoecer fisicamente, mas, recuperando-se rapidamente; nesse caso, as dificuldades são oportunidades para crescer em flexibilidade, criatividade, força, responsabilidade, interatividade e eficiência, que só faz bem às pessoas, ao ambiente, ao projeto e à empresa.

Conforme a Teoria da Comunicação que também embasa a TCI, Barreto (2012, p. 15, 221-232), ressalta que “quando a boca cala, os órgãos falam” e “quando a boca fala, os órgãos saram”, ou seja, ao expressar verbalmente sobre algum incômodo, o corpo é poupado de “falar” por meio de doenças, dores e mal-estares; quando uma pessoa revela seus incômodos e se sente ouvida com empatia e reciprocidade, diminui a força que aqueles têm de causar males orgânicos e psíquicos; o papel do terapeuta é valorizar, restituir e socializar os diálogos e saberes com bom senso, humildade para que essa comunicação flua criativamente (BARRETO, 2008, p. 29-31, 279-291).

A TCI também estimula a habilidade para pensar, agir e discernir valores no dia-a-dia, pois, fundamentado na Antropologia Cultural, respeita as raízes culturais como elemento de referência fundamental na construção da identidade individual e coletiva, que reforça o senso de pertença, e dá condições de resistência à dominação/exclusão social. No caso do Brasil, há uma mescla inicial de índios, brancos e negros, seguida da imigração de toda parte do mundo, com suas tradições religiosas e hábitos culturais (crenças, espiritualidades, culinária, mitos, ritos, práticas artísticas). Cada grupo cultural trouxe seu modelo de vida social e teve que aprender a adaptar-se e conviver com as diferenças, para participar na construção de uma sociedade tolerante na sua pluralidade. (BARRETO, 2008, p. 29, 236-278).

Barreto (2008, p. 177-218) observa a relevância do Pensamento Sistêmico nos contextos humanos: a memória, as experiências corpóreas e culturais são fatores que definem pensamentos, emoções e comportamentos de uma pessoa, da família, da comunidade ou de um grupo cultural (CSORDAS, 2008). Traumas, violências, perdas, doenças e pecados do passado têm efeitos deletérios sobre a alma humana, devido ao entrelaçamento que há entre corpo e espírito, passado e presente, um sujeito e a comunidade; mas, à medida em que histórias e sentimentos são reconhecidos, narrados, confessados e integrados conscientemente, passam a permanecer no passado e a interferir com menos força no presente (DONARD, 2010). A TCI oferece um espaço seguro e acolhedor para a expressão e releitura de sofrimentos, que possibilita a cura de memórias e a abertura de novas perspectivas para o futuro de uma pessoa e de todas as pessoas ao redor.

## **Resultados e discussões**

Kleba e Wendausen (2009, p. 733-743) apresentaram relatos particulares que atestam a efetividade das rodas em aguçar o senso de propósito e o empoderamento do sujeito, pelo seu fortalecimento afetivo, cognitivo e condutual para participar das questões sociopolíticas em três

níveis: psicológica/individual que leva à emancipação, autoestima, autonomia e liberdade do indivíduo para agir e deixar de ser vítima; grupal/organizacional o qual viabiliza o respeito recíproco, o apoio mútuo, o senso de pertença e a partilha interna de conhecimentos e soluções que podem superar aos dos especialistas; estrutural/política que favorece o engajamento, a corresponsabilização e a cidadania. Todos são incentivados a assumir a direção da própria vida com autodeterminação, consciência crítica, competência e criatividade para lutar, interferir e participar dos movimentos sociopolíticos, sem sentimentos de dependência ou impotência, diminuindo a força manipulativa dos poderes dominantes/opressores de uma sociedade.

Numa pesquisa que inclui depoimentos de sete mulheres usuárias da TCI e moradoras de aglomerados subnormais, questionou-se como a TCI contribuía para desenvolver resiliência. Perguntou-se a elas de onde vinha a força para enfrentar sofrimentos e quais eram suas características resilientes mais frequentes. Como resposta, obteve-se que elas falavam e escutavam umas às outras, ou seja, compartilhavam e socializavam fontes de forças que as ajudavam na resistência e na capacidade de lidar com situações difíceis; era assim que todas emergiam de opressões e dominações de todo tipo, transformadas positivamente e como sujeitos de mudanças nas desigualdades (sociais, econômicas e culturais), na discriminação, na subalternidade, na desvalorização e na exclusão (BRAGA, 2009).

A aplicação prática dessa metodologia também pode ser exemplificada por duas rodas de TCI registradas e arquivadas (ABRATECOM, 2014), dentre as mais de setenta rodas que facilitamos durante a capacitação. Apresentaremos a narrativa sem citar nomes, de forma que quem esteve lá, pode lembrar dos detalhes, mas quem não foi, tem a oportunidade de participar da roda através dessa leitura. Nesse aspecto, a roda de TCI não faz “pacto de silêncio” e nem induz a “fofocas”, pois, acredita que ao valorizar a identificação, a expressão de sentimentos e a escuta solidária, “faz desaparecer o clima de desconfiança e intriga que reinava quando esta informação era veiculada, sob a lei de segredo e em clima de desarmonia” (BARRETO, 2008, p. 54-55).

As rodas que efetuamos nas dependências do Seminário EBNESR (Escola Bíblica Nacional para Equipar os Servos do Rei) em Boa Viagem/PE, acolhiam os frequentadores da instituição e o público em geral; os temas apresentados giravam em torno de conflitos familiares (problemas de comunicação, opressão e repressão nas relações), emprego (e desemprego) e crises pessoais (depressão, medo, culpa, insegurança, rejeição, falta de sentido na vida, solidão, autoestima e impotência diante das dificuldades); as estratégias de superação partilhadas e as conotações positivas envolviam empoderamento pessoal, vínculos horizontais de amizade e apoio já existentes

e criados a partir daquela roda; além de fé, gratidão e esperança alimentadas pela prática de orações, leituras bíblicas e participação em reuniões eclesiais.

Destacamos um rapaz de trinta anos de idade, alto, vistoso e adornado por longas madeixas rastafáris, grandes alargadores nas orelhas e tatuagens em várias partes visíveis do corpo; ele relatou que já havia percorrido vários espaços médicos, exotéricos, místicos, filosóficos e alternativos em busca de cuidados e respostas para seus anseios existenciais. Em 8 de agosto de 2012, o moço encontrou na roda um local de acolhimento emocional, esperança e força tais, que seu depoimento levou todos os participantes à comoção e às lágrimas. A maioria dos frequentadores era do curso de Teologia, e apesar daquela presença e tema extraordinários, o clima de empatia e solidariedade predominavam. Com o término, o rapaz compartilhou que se surpreendeu consigo mesmo em ver-se falando ininterruptamente para um grupo de “estranhos” e sair dali com “um pouco de esperança”.

Sob o olhar do “paradigma da corporeidade” (CSORDAS, 2008), toda a experiência registrada no corpo daquele jovem foi resignificado quando suas palavras encontraram ouvidos atentos, lágrimas de olhares empáticos e abraços de corações solidários; então, seu corpo tatuado e adornado com símbolos de emancipação e exclusão, registrou novas experiências de aconchego daquele colo includente que resignificou sua identidade e senso de pertença. Ele decidiu estudar Teologia para conhecer melhor aquele Jesus ao qual creu presenciar naquela alteridade (RICOEUR, 2006; 2007).

A decisão do rapaz combina com as pesquisas de Csordas (2008, p. 33-49, 65-70, 115, 137-139, 191), sobre cura integral que envolve toque físico, oração, diálogo e cura de memórias; onde ele afirma que a “presença curativa de Jesus” na forma da imagem de Jesus que olha e age com compaixão, tem efeito transformador na própria pessoa e nas outras que interagem com ela, uma vez que redirecionam a atenção do enfermo para ações e experiências que potencializam a construção de seu ser como sujeito saudável, íntegro e santo, facilitando-lhe a liberação de perdão, a libertação de vícios, o fortalecimento do organismo e a prevenção de doenças. Quando aprendemos a desvendar as mensagens dos sintomas “não ditos”, o corpo agradece e sara (BARRETO, 2012).

Até então, diagnosticado com transtorno mental, sem vontade de viver e incapacitado para trabalhar, ele foi visto, um ano após, com brilho nos olhos, trabalhando em uma agência fotográfica, relatando com alegria e gratidão que encontrara sentido para a vida e para a fé em Deus; ele ainda estava sob tratamento da depressão, mas já não precisava tomar vários dos remédios antigos; onde quer que fosse, levava no corpo as marcas do amor e do encontro mítico com o sagrado (ELIADE, 1994; 2010) que inaugurou novos ritos e deu sentido para a sua vida. Essa história também tem

interfaces com a narrativa da cura de uma mulher encurvada que sob o olhar compassivo de Jesus, resgatou sua identidade, o senso de pertença, a autoestima, sua postura ereta, a alegria, os vínculos com Deus e com as pessoas de sua comunidade (LUCAS 13.10-17).

Dentre as rodas facilitadas na casa das mulheres no Hospital Barão de Lucena (hospedagem hospitalar para mães de bebês recém-nascidos em estado grave e internados na Unidade de Terapia Intensiva), observou-se intenso estresse nas mulheres (a maioria bem jovem e inexperiente) por terem que lidar com uma situação de tamanhos sofrimento, desespero, angústia, impotência, luta, solidão e cansaço, colocando-as muito próximas à realidade da morte e da sensação de enlouquecimento, conforme o depoimento de algumas delas. Em geral, muitas relataram que buscavam forças em Deus por meio de orações, leitura da Bíblia, e também, que encontravam certo amparo na empatia do cuidado mútuo naquele ambiente.

Em 3 de outubro de 2012, destacou-se a partilha de uma mãe que se autodescrevia como dependente de álcool, egoísta, rebelde, rejeitada pelos pais, irritada com o fato de estar confinada naquele hospital; até que num dado momento, provocada pela escuta atenta de todas e especialmente, pela habilidade maiêutica da terapeuta (capacitada em facilitar e restituir reflexões e expressão verbal das pessoas), deu-se conta da saudade, do valor da família, do amor que sentia por seus outros filhos deixados em casa e do desejo de largar o seu vício.

Surpresa consigo mesma, permitiu-se ouvir o desabafo de outras mães e percebeu os problemas semelhantes e até piores aos seus. Era como se um fecho de luz invadissem aquela sala sombria, e iluminassem aquela jovem; parecia que escamas invisíveis se desprendiam dos seus olhos e da sua mente, naquele momento, transbordante de emoções positivas, criatividade, esperança, perdão e memórias espontâneas (RICOEUR, 2007); que, segundo Csordas (2008, p. 165-167, 192-193), são sinais que comprovam uma cura profunda. Num clima de alegria, paz, gratidão, leveza e esperança, todas as mães cumprimentavam-se e despediam-se com abraços, palavras, lágrimas e sorrisos.

Essa situação reforça a importância do perdão nas relações de alteridade (RICOEUR, 2007, p. 71-512), onde o indivíduo deixa de ser vítima para ser sujeito da própria vida: ele reconhece e encara as culpas e as consequências dos erros (seus próprios e os alheios), mas liberta a si e aos outros das faltas para que todos possam seguir em frente livres dos desejos por vingança, das culpas, dos ressentimentos, das repetições compulsivas e dos sofrimentos decorrentes, transformando suas lembranças numa memória feliz e saudável. O perdão horizontaliza as relações verticalizadas pelas falta, culpa, dívida e dependências.

Alinhados ao pensamento sistêmico, a análise desses casos de TCI, nos permite tatear a compreensão de outras histórias, além de perceber que quando há cura de uma pessoa, cura-se uma comunidade inteira, assim como acontece com uma parte do corpo em relação ao ser integral, e às relações sociais, familiares e religiosas. Parafraseando Rehfeld (1988, p. 17) que afirma que as partes ajudam a interpretar uma à outra e ao todo coerente de uma unidade literária, é o que ocorre numa roda de TCI: todos os presentes comemoram as curas, pois, a solução de um é também, a resolução de todos.

Conforme Pestana (2017), o que ocorre numa roda de TCI tem paralelos com os milagres nas narrativas neotestamentárias, onde quaisquer momentos e lugares podem ser sagrados se neles houver a presença e o jeito de Jesus agir (MATEUS 18.20; LUCAS 5.1-11); a compaixão nas relações (MARCOS 1.40-45; MATEUS 18.27; LUCAS 10.33; 15.20), e a transformação física decorrente da cura emocional e espiritual (LUCAS 13.10-17). As pessoas registram no corpo suas experiências de vida (CSORDAS, 2008 e BARRETO, 2012), por isso, a cura física inclui o tratamento das outras dimensões adoecidas e a integração saudável delas todas no ser humano.

Pela nossa experiência em rodas com adolescentes, idosos, mulheres e homens adultos em diversas situações e locais, os comentários fichados (ABRATECOM, 2014) que mais chamavam à atenção eram: “eu não gosto de terapia, mas essa eu gostei”, “a gente não imagina os problemas que outras pessoas têm”, “sinto um grande alívio”, “como foi bom conversar e ouvir”, “vou fazer umas coisas que ouvi aqui”, “sinto união e amizade aqui”, “nunca pensei que minha história ia ajudar outras”, “de repente, eu estava falando coisas que ajudavam as outras, com coisas que eu nem sabia que estava sentindo”, “fico pensando no que vou falar e assim, organizo minhas ideias e a minha mente”. Esses pequenos depoimentos ilustram o resultado positivo das rodas de TCI, onde pessoas chegam de um jeito, e saem de outro, melhores.

## **Conclusão**

Num misto de gestos, palavras, escuta, risos, lágrimas, poesia e música, colhem-se pérolas preciosas a partir das carências, dores e dificuldades íntimas das pessoas que vêm à roda de TCI. A alegria contagiante, o alívio pelo desabafo, o desvendamento de horizontes e a surpresa por descobrir que muitas pessoas também passaram e passam por algo semelhante, faz com que quem pensa que está só, percebe que pode contar com uma rede de apoio. Presenciamos e nos surpreendemos com muitos pequenos milagres que acontecem quando pessoas se dispõem a praticar

a metodologia da TCI, e inspirar-se na imagem do Cristo, para agir em favor das pessoas: indivíduos que chegam encurvados, desfigurados e abatidos pelo peso de seus afazeres, sofrimentos e culpas, saem leves, renovados, fortalecidos e transformados.

Urge promover espaços terapêuticos que legitimem, valorizem e transformem sujeitos pelo desenvolvimento de espiritualidade, resiliência, fé, autoestima, empoderamento, esperança, amor, solidariedade, alegria, crescimento, paz e equilíbrio. Esse alvo para a saúde e de educação emocional faz parte do desenvolvimento humano individual e coletivo em sua integralidade, onde cada pessoa cuida de cada parte do seu ser e se percebe parte do todo que compõe a humanidade, e assim, compartilha seus dons e suas ações a favor dos outros. A TCI é uma boa maneira de participar dessa missão que é de todos e todas nós.

## Referências

ABRATECOM, 2014. Disponível em: <<http://www.abratecom.org.br/QuemSomos/Abratecom/>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia comunitária: passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008.

\_\_\_\_\_. **Quando a boca cala os órgãos falam: desvendando as mensagens dos sintomas**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2012.

BARRIM, Milene; MASSARUTTI, Neusa Maria Orthmeyer. **Resiliência: como competência fundamental para promover mudanças**, 2011. Disponível em: <[http://www.fenassec.com.br/xviii\\_consec\\_2012/artigo\\_selecionado\\_resiliencia.pdf](http://www.fenassec.com.br/xviii_consec_2012/artigo_selecionado_resiliencia.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2016.

BRAGA, Lucineide A. V.. **Terapia Comunitária e Resiliência: histórias de mulheres**. 2009. 129 p. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

CSORDAS, Thomas J.. **Corpo/Significado/Cura**. [tradução de José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca]. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

**DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO** – Portaria 849, n. 60, seção 1, p. 68 de 28 mar. 2017. Disponível em: <[http://www.lex.com.br/legis\\_27357131\\_PORTARIA\\_N\\_849\\_DE\\_27\\_DE\\_MARCO\\_DE\\_2017.aspx](http://www.lex.com.br/legis_27357131_PORTARIA_N_849_DE_27_DE_MARCO_DE_2017.aspx)>. Acesso em: 30 mar. 2017.

DONARD, Véronique. Elementos sociológicos e psicanalíticos para compreender o discurso de possessão diabólica. In: **Rev. Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap** Ano IX, n. 2, p. 117-130, jul./dez. 2010. Disponível em

<<http://www.unicap.br/revistas/teologia/arquivo/teologia%202010%202.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1994.

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERREIRA FILHA, Maria O.. **A terapia comunitária no contexto do SUS**. Projeto de Iniciação Científica - PIBIC – UFPB, 2008.

GRANDESSO, Marilene. **Terapia Comunitária**: um contexto de fortalecimento de indivíduos, famílias e redes, 2003. Disponível em: <<http://circularede.blogspot.com.br/2017/02/marilene-grandesso-em-terapia.html>>. Acesso em: 4 jun. 2017.

KLEBA, Maria Elizabeth; WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Rev. Saúde Soc.** São Paulo, v.18, n.4, p.733-743, 2009. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/sausoc/article/viewFile/29498/31358>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

LUCAS. In: **A BÍBLIA Sagrada**. Velho e Novo Testamento. [tradução de João Ferreira de Almeida]. ed. rev. e atual. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

MATEUS. In: **A BÍBLIA Sagrada**. Velho e Novo Testamento. [tradução de João Ferreira de Almeida]. ed. rev. e atual. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

MARCOS. In: **A BÍBLIA Sagrada**. Velho e Novo Testamento. [tradução de João Ferreira de Almeida]. ed. rev. e atual. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

MENDONÇA, José T.. **A leitura infinita**: a Bíblia e a sua interpretação. 1 ed. São Paulo: Paulinas/Pernambuco/UNICAP, 2015.

MORAIS, Fernanda L. S. L.. **Rodas de Terapia Comunitária**: espaços de mudanças para profissionais da Estratégia Saúde da Família. 2010. 118f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

NOÉ, Sidnei Vilmar (Org.). **Espiritualidade e saúde**: da cura d'almas ao cuidado integral. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

PESTANA, Linda S. T C.. **A terapêutica integral de Jesus**: análise exegética, hermenêutica, fenomenológica e antropológica dos milagres de Jesus nos textos neotestamentários e interfaces com a Terapia Comunitária Integrativa. 2017. 95 f. Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE, João Pessoa, 2017.

REHFELD, Walter I.. **Tempo e religião**: A experiência do homem bíblico. São Paulo: Perspectiva/USP, 1988.

RICOEUR, Paul. **Percurso do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROCHA, Edlene F. L.. **A terapia comunitária e as mudanças de práticas no SUS**. 2009. 126f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

RÖHR, Ferdinand. **Educação e espiritualidade: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade do homem e da educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

WEISER, Alfons. **O que é milagre na Bíblia: para você entender os relatos dos Evangelhos**. São Paulo: Paulinas, 1978.